



GEOVANI MARTINS E A “DIALÉTICA DA MARGINALIDADE”: UMA ANÁLISE DOS CONTOS “ROLÉZIM” E “ESPIRAL”

Lisiani Coelho – lisi.mae@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-2556-4246>.

Alfeu Sparemberger – berger9889@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-6003-6353>.

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo a análise dos contos “Rolézim” e “Espiral”, de Geovani Martins, publicados em seu livro de estreia, *O sol na cabeça* (2018), à luz da teoria da “dialética da marginalidade” desenvolvida pelo crítico e professor universitário João César de Castro Rocha. Em diálogo com o ensaio “Dialética da malandragem” (1970), de Antonio Candido, a “dialética da marginalidade” propõe a “substituição” da conciliação entre indivíduos de classes sociais diferentes como medida de evitação do conflito inerente ao ensaio de Candido em nome do confronto, o que resulta na exploração e exposição metódica da violência, que passa a permear as referidas relações ao invés de seu ocultamento. Os contos apresentados por Geovani Martins modulam, de diferentes formas, os dilemas da desigualdade social brasileira, atravessada pela violência urbana contemporânea, assumindo e confirmando, com voz própria e lugar enunciativo conflitante, os impasses de uma “guerra simbólica” travada entre uma interpretação apologética e outra crítica da cultura brasileira atual. Este artigo produz, em adição, uma breve reflexão sobre o espaço de fala das camadas excluídas, bem como a visibilidade (ou falta dela) que a crítica literária e universitária oferecem a estes produtores de cultura nos dias atuais, finalizando com uma discussão sobre o possível status da literatura marginal nos próximos anos.

PALAVRAS-CHAVE: “Dialética da marginalidade”; violência; contos brasileiros; Geovani Martins.

1 INTRODUÇÃO

No ensaio “A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a ‘dialética da marginalidade’” (2007), Rocha assinala que seu objetivo teórico é o de estabelecer uma “abordagem alternativa” em relação à cultura brasileira contemporânea. Para tanto, vale-se dos conceitos desenvolvidos por Antonio Candido em seu ensaio “Dialética da malandragem” (1970), que definiu a figura do malandro na sociedade brasileira do século 19 ao analisar o romance *Memórias de um sargento de milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida. Segundo Rocha (2007), o tipo malandro, tanto da literatura quanto da vida social, vem sendo rivalizado e/ou substituído pelo surgimento de uma nova tendência – o marginal, ou seja, a marginalidade.

O quadro de referências utilizado por Rocha completa-se com a utilização da obra *Carnavais, Malandros e Heróis* (1979), de Roberto DaMatta. Conforme Rocha, ao deslindar as consequências da “dialética da malandragem”, DaMatta mostrou que o “dilema brasileiro se originou da oscilação entre o mundo das leis universais e do universo das relações pessoais, entre a rígida hierarquia da lei e a branda flexibilidade da vida cotidiana” (DaMATTa, 2007, p. 34). O brasileiro faz uso de uma rede social que

permite burlar a lei conforme a sua conveniência, furtando-se aos rigores de regras universais, vistas como perversas. Ao agregar à malandragem a estratégia do “jeitinho brasileiro”, DaMatta reconhece que os dois modos de viver facilitam a “navegação social” dos indivíduos. Deste modo, “a malandragem, como outro nome para a forma de navegação social nacional, faz precisamente o mesmo. O malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DaMATTÁ, 1999, p. 101-102). Os mecanismos que poderiam dar unidade ao composto social, em espaços como o cotidiano, o festivo e o mundo oficial, todavia, escondem interesses concretos que impedem a luta aberta e a percepção crua dos mecanismos de exploração social, econômica e política.

Estas duas ordens, a “dialética da malandragem” e a “ordem relacional”, não desapareceram por completo, posto que o favor permanece como parcela do motor da vida social. As duas teorias “continuam pertinentes, revelando a capacidade das elites brasileiras de se apegar ao poder político a fim de perpetuar seus privilégios” (ROCHA, 2007, p. 55). Como, entretanto, afirma Rocha, “pouco ajudam no entendimento de parcela significativa da produção cultural contemporânea” (ROCHA, 2007, p. 55). Operando neste sentido, os contos de Geovani Martins, objetos deste estudo, explicitam situações sem qualquer abertura para negociação, acordo ou mesmo cooptação. Narradores e personagens encontram-se no campo dos excluídos, demonstrando que uma formação social capaz de conciliar contrários/opostos agoniza. Este é o palco da disputa simbólica, da “guerra” entre relatos que exige uma “nova” metodologia para a análise da “natureza conflitiva da vida cotidiana brasileira” (ROCHA, 2007, p. 56).

2 ENTRE MALANDRAGEM E MARGINALIDADE

Antes de dar início à análise, é importante retomar a definição de malandro apresentada por Candido para que, no decorrer deste trabalho, seja possível entender o elemento de transição apontado por Rocha e a manifestação ou transfiguração nos contos recém-lançados por Geovani Martins. Segundo Candido, Leonardo Pataca (filho) ou “Leonardinho” (personagem principal do romance *Memórias de um sargento de milícias*) é

[...] o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. [...] O malandro [...] é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. Já notamos, com efeito, que Leonardo pratica a astúcia pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo jogo-em-si (CANDIDO, 1970, p. 4).

Candido (1970) caracteriza Leonardo como personagem de classe baixa que faz uso de sua astúcia para benefício próprio. O protagonista, criado por Manuel Antônio de Almeida, transita entre dois polos: ordem e desordem, ou seja, equilíbrio e desequilíbrio. Este personagem atua em prol de uma satisfação

individual; não existe nele qualquer instinto de coletividade, nem mesmo respeito aos padrinhos, que tanto lhe protegem ao longo da narrativa. Outra característica interessante do malandro é que ele utiliza sua astúcia para identificar situações de risco e, dentro delas, cede ao jogo social, aceitando o polo da ordem quando lhe convém. Nesta jornada, Leonardo alterna entre as diversas classes sociais e, no final, concretiza a mudança desejada, ou seja, ascende socialmente: termina casado com Luisinha, por quem sempre nutriu certa afeição, é promovido no exército, reformado e, por fim, torna-se dono de invejável herança.

Com esta leitura, Candido (1970) define uma estratégia metodológica em que associa a realidade histórica a um “correlativo formal”, ou seja, a formalização estética de um “ritmo geral da sociedade brasileira da primeira metade do século 19”, centrada num romance que suprime escravos e classes dirigentes, em que a “dialética de ordem e desordem é um princípio de generalização que organiza em profundidade tanto os dados da realidade quanto os da ficção (sejam ou não documentários), dando-lhes inteligibilidade” (SCHWARZ, 1987, p. 133). A generalidade apontada participa igualmente das duas séries, a ficcional e a da realidade, que encontram na primeira a sua dimensão comum. “Assim, o dado ficcional não vem diretamente do dado real, nem é deste que o sentimento da realidade na ficção depende, embora o pressuponha” (SCHWARZ, 198, p. 133). Para que isso se efetive são necessários “princípios mediadores”, ocultos, mas que estruturam a obra e organizam ou articulam as duas séries. O quadro, no entanto, parece ainda incompleto:

[...] nas *Memórias* a intuição do movimento histórico não é tudo. Ela alterna com uma estilização de outra ordem, que visa os arquétipos folclóricos da esperteza popular. A tensão entre as duas linhas é a característica do livro e constitui propriamente a dialética da malandragem: a suspensão dos conflitos históricos precisos através de uma sabedoria genérica da sobrevivência, que não os interioriza e não conhece convicções nem remorsos (SCHWARZ, 1987, p. 133).

Este mundo, sem convicções nem remorsos, ou seja, o mundo sem culpa em que os conflitos são “acomodados”, está no centro da ideia de substituição de uma dialética por outra. Por esta razão, ao discutir o surgimento de uma “nova” dialética, Rocha (2007) retoma e discute a teoria bem-sucedida de Candido. Para Rocha (2007),

Tal trânsito entre esferas opostas representa a metáfora da formação consolidada pelo acordo mais do que pela ruptura; uma formação social baseada em uma atitude pacificadora “deixa-disso” em vez de conflitante. Ao final, o desejo por cooptação também define o malandro. No fundo, como Candido deixa claro, o malandro aguarda “ser finalmente absorvido pelo polo convencionalmente positivo” (ROCHA, 2007, p. 33).

A esta leitura, que discute a transição contemporânea de um modelo social, é necessário, também, o estabelecimento do que Rocha (2007) denomina de “dialética da marginalidade”. Trata-se de “um fenômeno que tem ocorrido nos últimos anos, cujas consequências não podem ainda ser completamente

avaliadas, uma vez que ainda está em pleno desenvolvimento” (ROCHA, 2007, p. 31). Ele vai “provocar uma mudança radical na imagem da cultura brasileira no exterior, como também na autoimagem que os brasileiros mantêm” (p. 31). As alterações resultam, antes de tudo, do confronto que a literatura “marginal” propõe em oposição ao “silenciamento” anteriormente observado:

[...] a “dialética da malandragem” está sendo parcialmente substituída ou, para dizer o mínimo, diretamente desafiada pela “dialética da marginalidade”, a qual está principalmente fundada no princípio da superação das desigualdades sociais através do confronto direto em vez da conciliação, através da exposição da violência em vez da sua ocultação (ROCHA, 2007, p. 33-36).

Na “dialética da malandragem” o malandro lidava com as desigualdades participando do jogo do opressor, sem se exaltar, concordando quando era necessário para que pudesse atingir seus fins e, posteriormente, consolidar posições neste polo do jogo social, correspondente a um modo da estrutura histórica do país. Na proposta apresentada por Rocha (2007), a

[...] “dialética da marginalidade” pressupõe uma nova forma de relacionamento entre as classes sociais. Não se trata mais de conciliar diferenças, mas de evidenciá-las, recusando-se a improvável promessa de meio-termo entre o pequeno círculo dos donos do poder e o crescente universo dos excluídos (ROCHA, 2007, p. 56).

Neste sentido, antes de prosseguir, cabe discutir a possível ambiguidade do termo marginal¹, o qual adjetiva tanto o indivíduo que está à margem da sociedade, por conta de sua condição social, quanto aquele considerado criminoso. Em muitos casos, as definições podem ser atribuídas ao mesmo indivíduo. O termo, no entanto, não deve ser aplicado unicamente na sua forma pejorativa, diminuindo tanto o cidadão socialmente excluído quanto o escritor que se dedica a retratar este ambiente. O movimento, como já indicado por Rocha (2007), é novo e precisa ser discutido e avaliado. Para tanto, sua formulação e as reflexões críticas oriundas dela são primordiais para que se definam parâmetros justos de crítica a estas obras que prolificamente emergem deste nicho social, respeitando e consolidando este novo gênero dentro da literatura nacional.

A literatura marginal surge, então, como um objeto de resistência de um sujeito socialmente oprimido, mas não do ponto de vista de um autor fora desta margem, por exemplo, Clarice Lispector, escrevendo sobre as desventuras de Macabéa em *A hora da estrela* (1977) ou Graciliano Ramos, narrando

¹ O termo marginal causa certo desconforto dentro do eclético (homens, mulheres, heterossexuais, LGBTs, de etnia e regiões de origem variadas etc.) grupo de escritores que produz este tipo de literatura, posto que muitos deles optam pela utilização do termo **periférico**. Para estes autores, esta autodenominação parece representar melhor o seu local de origem, afastando, ainda, a negatividade que o termo marginal possa produzir. Segundo Nascimento (2019), atualmente outras denominações começam a surgir, por exemplo: literatura suburbana, literatura das quebradas, litera-rua, literatura divergente, literatura *hip-hop*, literatura da violência, entre outros. Pelo caráter eclético destes escritores, é natural que surja a necessidade de se autoproclamar, marcando ainda mais o seu local na literatura contemporânea.

a saga de Fabiano e Sinhá Vitória pelo sertão nordestino em *Vidas Secas* (1938). Trata-se, agora, do próprio oprimido dando voz à sua história e à de sua comunidade: “a melhor definição prática do que tenho chamado de ‘dialética da marginalidade’ é assumir controle da própria imagem, expressar-se com a própria voz” (ROCHA, 2007, p. 50).

É nesta perspectiva que se enquadra perfeitamente o estreante Geovani Martins, nascido e criado em uma favela no bairro Bangu, Rio de Janeiro. O jovem autor, que já foi “homem-placa”, atendente de lanchonete e barraca de praia e garçom de bufê infantil antes de se dedicar à escrita, oferece seus contos à sua comunidade e quebra, mais uma vez, nos últimos anos, estereótipos aos quais estamos acostumados enquanto leitores: escritores do sexo masculino, brancos, de classe média/alta, portadores de curso superior (jornalistas em sua maioria).

Se o malandro, como Leonardo Pataca, vivia em benefício de si, surge, por intermédio da literatura marginal, um instinto de coletividade. Schwarz (1987), por exemplo, não deixa de assinalar a “imparcialidade” tanto do autor de *Memórias de um sargento de milícias* quanto de Antonio Candido, que “prefere não escolher entre uma forma de consciência mais popular e a consciência propriamente histórica, o que protesta contra a opressão sofrida pela primeira, e afasta da verdade da segunda” (SCHWARZ, 1987, p. 152).

Um dos aspectos indicados por Rocha (2007) nas produções contemporâneas periféricas é a presença de uma significação que abriga não somente o indivíduo, mas a coletividade: “[...] o caráter coletivo da experiência literária e artística é um dos traços definidores das formas de expressão da ‘dialética da marginalidade’” (ROCHA, 2007, p. 41). Ele se faz presente na forma de diferentes narradores, com distintos pontos de vista, entre histórias e desejos, dissecando o ambiente que lhes é familiar.

3 O “PAPO RETO” DA PERIFERIA

A análise a ser empreendida concerne aos contos “Rolézim” e “Espiral”, do livro *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins. A escolha decorre do contraste observado entre as duas narrativas, discutidas à luz de Candido (1970) e Rocha (2007).

“Rolézim”, conto que abre a coletânea, narra, em primeira pessoa, a história de um dia na vida de um jovem morador da favela, sem nome, idade ou definição de traços, ou seja, mais um anônimo entre tantos. A atmosfera é sufocante e o calor do Rio de Janeiro penetra nas veias do leitor, que se revolta com o estado da residência do narrador, da situação agônica do transporte público e do preconceito sofrido pelos jovens perseguidos pela polícia, somente por estarem no lugar errado e na hora errada:

Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente. Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu de porrada (MARTINS, 2018, p. 15).

É possível perceber que o narrador, em primeira pessoa, conta sua história para um interlocutor silencioso, referenciado apenas como “mano”, “menó” ou ainda, como em outro momento da narrativa, um “tu”, índice inequívoco de oralidade. No relato, norteador pelo movimento de um grupo de adolescentes que sai da favela em direção à praia num dia de verão, fica explícita a intenção de discorrer sobre questões que envolvem o uso de drogas e o comportamento da polícia em relação aos moradores da favela. A fim de evitar arrastões, a polícia fluminense detém os “menó”, mas a eles agrega qualquer outro grupo que apresente aparência suspeita, independentemente de ter cometido ou não um ato de vandalismo. O relato funciona, para seu interlocutor, como uma espécie de conselho e de dissecação dos possíveis comportamentos suspeitos e do consumo de entorpecentes pesados:

Nunca cherei. Lembro de quando meu irmão chegou do trabalho boladão, me chamou pra queimar um com ele nos acessos. Queria ter uma conversa de homem pra homem comigo, senti na hora. A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. [...] Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado. Nada de pó, nem crack, nem balinha, esses bagulhos. Até loló [ele falou que era pra eu não usar, que loló derrete o cérebro. [...] Naquele dia prometi pra ele e pra mim que nunca que ia cheirar cocaína. Fumar crack muito menos, tá maluco, só derrota (MARTINS, 2018, p. 10-11).

Já, para o leitor, representa uma amostra da rotina de um jovem morador de favela que, apesar de não trabalhar e viver constantes privações, não apela para a criminalidade. O narrador tem consciência das regras do ambiente em que vive, além de demonstrar amor e consideração por sua família. Este leitor experimenta uma relação *voyeurística* com o texto literário, algo apontado por Rocha como um dos incentivadores da venda de literatura marginal:

[...] desejamos “experimentar” o chamado “mundo bandido”, mas desde que protegidos no interior de carros blindados e condomínios de luxo cercados por autênticas muralhas medievais. [...] No fundo, queremos é testemunhar [...] as histórias das vidas dos excluídos, retornando, porém, ao conforto de lares burgueses (ROCHA, 2007, p. 46).

Martins (2018) humaniza seu narrador, mostrando-o como um rapaz comum que vai à praia para escapar do calor escaldante do Rio de Janeiro, sem a intenção de furtar cariocas ou turistas. Isso não significa que Martins exclua a violência e a criminalidade de sua narrativa: ele coloca outros jovens em

cena, todos “de menó”, praticando furtos, na forma de arrastões. De outra parte, mostra uma “queima de arquivo” na praia e expõe a atitude corrupta e autoritária dos policiais:

Esses polícia de praia é foda. Tem dia que eles fica sufocando legal. Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a era pra gringo, pros *playboy*, sei lá. Sei que é que quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado. Coisa boa num é! (MARTINS, 2018, p. 12).

É essencial destacar, ainda, e como já indicado, uma das características mais marcantes do conto: o narrador protagonista utiliza a oralidade na construção de sua escrita (funcionando como um relato oral durante diálogo com seu interlocutor silencioso). No trecho a seguir, é possível observar a presença de uma linguagem repleta de gírias, que obriga o leitor a decifrar seus significados para melhor compreender a história. Algo semelhante ocorreu com a escrita de autores “regionalistas” ao longo do curso da literatura brasileira, autores foram, na maioria das vezes, considerados produtores de um gênero menor, por afastarem-se da norma culta e “fugirem” de uma abordagem de assuntos de teor universal, focando suas narrativas em aspectos regionais.

Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco. Até então tava geral na merma meta: duro, sem maconha e querendo curtir uma praia. A salvação foi que o Teco tinha virado a noite dando uma moral pros amigo na endola, aí ganhou uns baseado. Uns farelo que sobrou do quilo. Arrumou até uma cápsula. O caô é que ele queria ficar morgando em casa invés de ir com nós (MARTINS, 2018, p. 9-10).

Se antes era preciso recorrer às edições com glossário para entender a escrita e a proposta literária regionalista – algo que fez, por exemplo, com que a obra do escritor gaúcho Simões Lopes Neto² fosse descoberta em âmbito nacional –, hoje em dia, com a evolução digital, é possível ter acesso aos textos “orais” com maior facilidade, reduzindo barreiras na sua propagação, podendo, inclusive, estabelecer um diálogo entre leitores e autores.

Neste sentido, é interessante destacar que, na contemporaneidade, e especialmente dentro de uma cultura marginal (incluindo também saraus, slams, etc.), este intercâmbio entre autor e público é notório e até mesmo incentivado, para que dentro das comunidades se crie um sentimento positivo em relação a questões identitárias até então abordadas pelo viés da negatividade:

² Ramos e Arendt (2003) discutem a questão do prestígio do regionalismo na literatura nacional, indicando que na obra de Simões Lopes Neto o caráter local, com fortes toques de oralidade e vocabulário específico do Sul, torna-se, em princípio, um empecilho para a sua divulgação/aceitação, considerando que a representação dos valores e da linguagem gaúcha desqualificava a obra: “O lugar de Simões Lopes, como precursor na inserção do coloquialismo na literatura e na mimetização dos costumes locais, é por muito tempo ignorado” (RAMOS; ARENDT, 2003, p. 93). Posteriormente, com o reconhecimento do livro pela crítica, tais defeitos transformam-se em qualidades que justificaram sua inserção no circuito literário (década de 40 do século 20). O mesmo parece ocorrer com o fenômeno da literatura marginal com a falta de reconhecimento à nível nacional, algo que, pela lógica observada no regionalismo, talvez venha a valer bem mais nas próximas décadas. Tanto uma quanto a outra colidem com o que o cânone tradicional propõe.

[...] o encontro de pessoas em espaços e tempos inesperados implica a afirmação de uma identidade outra, na medida em que significa se separar de uma identidade submissa ligada a corpos pensados apenas como mão de obra com horários estipulados, como se espera que seja um habitante da periferia. [...] um trabalho de valorização e ressignificação das identidades periféricas pensadas não mais desde uma cadeia discursiva que as faz cair em estatísticas negativas, mas a partir de sua cultura e história (TENNINNA, 2019, p. 111).

A exposição midiática de uma “linguagem” singular do excluído não reduz, no entanto, seu papel no processo de estruturação do texto, funcionando, ainda, tanto “como forma de inclusão, quanto como a permanência de um circuito comunicativo organizado em torno da ação performática característica da transmissão oral da cultura” (ROCHA, 2007, p. 41). Assim, as marcas da oralidade configuram aspecto importante na escrita contemporânea, principalmente no quesito literatura marginal, pois sua utilização tem um significado que não deve ser desprezado pelo público leitor e muito menos pela crítica especializada.

No desfecho do conto, após ser “encostado” pela polícia, o narrador decide correr: “Passei mal, papo reto, fui correndo com o cu na mão, queria nem olhar pra ver qual ia ser” (MARTINS, 2018, p. 15). Neste momento, pensa no irmão, que não era X9, morto no lugar de “um vacilão”, na mãe, nos vizinhos, na avó e em Jesus Cristo. Num último lance, vira a “cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas para continuar revistando os menó”. “Passei batido!” (MARTINS, 2018, p. 16).

Nenhuma mediação, como se vê, se faz presente no encerramento do texto, vale dizer, nas diferentes posições sociais ou institucionais dos indivíduos. As diferenças não são conciliadas, o meio termo não é acionado para diluir as distâncias sociais e os excluídos permanecem à margem, sem perspectiva ou possibilidade de absorção em estruturas garantidoras de direitos elementares, ao contrário do malandro.

4 ENTRE O MORRO E O ASFALTO

O segundo conto, “Espiral”, atua em contraste com o conto de abertura do livro. Se em “Rolézim” tem-se um narrador em primeira pessoa que utiliza uma linguagem próxima da oralidade, representando uma das muitas vozes da favela, “Espiral” tem, igualmente, um narrador em primeira pessoa, só que desta vez utilizando a norma culta em sua narrativa. Martins apresenta um outro tipo de “marginal”, lembrando que o termo, aqui, não é aplicado de forma pejorativa, e sim como localizador de sua posição na estrutura social do país.

Mais uma vez um narrador sem nome conta sua história, percorrendo o período de alguns meses, no qual realiza uma espécie de “experimento” social, no mínimo, curioso. O jovem estudante tem uma

vida tranquila, a despeito das privações inerentes à sua condição social. No início do conto, talvez pela inocência resultante da pouca idade, ele não tem a real dimensão do que sua classe social representa:

Começou muito cedo. Eu não entendia. Quando passei a voltar sozinho da escola, percebi esses movimentos. Primeiro com os moleques do colégio particular que ficava na esquina da rua da minha escola, eles tremiam quando meu bonde passava. Era estranho, até engraçado, porque meus amigos e eu, na nossa própria escola, não metíamos medo em ninguém (MARTINS, 2018, p. 17).

O trecho supra explicita algo que o narrador aprofunda no decorrer da trama: a presença de dois mundos, coexistindo e interagindo de forma tensa. O jovem é um duplo: dentro de sua escola e em sua comunidade é inofensivo; já para os alunos da escola particular, não importa seu biótipo (aparentemente frágil, pois indica ser intimidado em sua própria escola) ou seu comportamento, a única coisa que eles veem é a ameaça representada por sua classe social.

O narrador é morador de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro, algo que por muitos é visto como vantagem pela proximidade com uma área nobre da cidade. O narrador destaca, no entanto, um aspecto interessante, relativo à proximidade física desta vida sem privações: é muito difícil conviver com as desigualdades sociais quando vistas de frente, de um local tão próximo. A distância física pode ser pequena, mas a social representa o que o próprio narrador chama de abismo.

É foda sair do beco, dividindo com canos e mais canos o espaço da escada, atravessar as valas abertas, encarar os olhares dos ratos, desviar a cabeça dos fios de energia elétrica, ver seus amigos de infância portando armas de guerra, para depois de quinze minutos estar de frente para um condomínio com plantas ornamentais enfeitando o caminho das grades, e então assistir adolescentes fazendo aulas particulares de tênis. É tudo muito próximo e muito distante. E, quanto mais crescemos, maiores se tornam os muros (MARTINS, 2018, p. 18).

O narrador passa, então, a recorrer a uma “válvula de escape”, uma ferramenta de defesa lançada contra este ambiente ameaçador, produto de uma realidade díspar. O termo ameaçador é, por sinal, expressão utilizada pelos moradores privilegiados da Zona Sul ao se referir ao narrador. Ao longo da história ele resolve, então, transformar-se numa figura que, de fato, ameaça, não para tirar proveito financeiro da situação, mas para “estudar” a distância entre os dois mundos.

O experimento realizado pelo jovem consiste em seguir pessoas que se mostrem aterrorizadas com a sua presença, observando-as e intimidando-as ainda mais. As perseguições acabam tornando-se uma obsessão e sua vida perde o sentido habitual:

Nem nos livros conseguia me concentrar. Não queria saber se chovia ou fazia sol, se no domingo daria Flamengo ou Fluminense, se Carlos terminou com Jaque, se o cinema estava em promoção. Meus amigos não entendiam. Não podia contar o motivo de minhas ausências, e, aos poucos, fui sentindo que me afastava de gente realmente importante para mim (MARTINS, 2018, p. 19).

O *voyeurismo*, comentado anteriormente por Rocha (2007), reaparece aqui de forma inversa: agora é o favelado que observa a classe média/alta. A fórmula é também utilizada por outro autor marginal bastante festejado no momento: Marcelino Freire. Em um de seus contos (“Solar dos Príncipes”) – ou cantos, como ele mesmo os denomina –, presente na obra *Contos negreiros* (2015), Freire inverte os papéis *voyeurísticos*, colocando um grupo de jovens do Morro do Pavão (curiosamente da mesma Zona Sul do narrador criado por Martins) à porta de um condomínio de luxo com a intenção de filmar a rotina de uma família rica.

A ideia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo o morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda. Foi assim: comprei uma câmera de terceira mão, marcamos, ensaiamos uns dias. Imagens exclusivas, colhidas na vida da classe média (FREIRE, 2015, p. 24).

A tentativa fracassa diante da resistência do porteiro do condomínio que, assustado, chama a polícia, e a experiência de uma reversão de papéis e de controle da imagem resulta em confusão e violência. Já a violência presente no conto de Martins é simbólica. O jovem narrador acaba por refinar seus métodos de pesquisa e passa, então, a seguir uma única pessoa, um homem – Mário – casado e pai de duas filhas. Ele percebe que a partir da observação momentânea não é possível montar um perfil completo de suas “cobaías”. Sendo assim, segue Mário por meses, na saída do trabalho e nas horas de lazer com a família. O narrador chega a inventar nomes para a esposa e para as filhas de seu “objeto de estudo”. A perseguição torna-se cada vez mais tensa e culmina no seguinte incidente, altamente representativo da violência explicitada por Freire:

Ele entrou no prédio, cumprimentou o porteiro feito máquina, subiu. Apenas uma janela. Era o que se mostrava do apartamento no meu campo de visão. Fiquei mirando fixamente aquele ponto, sem me esconder dessa vez; se eu o visse, também ele me veria. Alguns minutos depois apareceu Mário, completamente transtornado, segurava uma pistola automática. Sorri para ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo (MARTINS, 2018, p. 21-22).

As atitudes reativas dos personagens marginalizados demonstram um movimento que vem crescendo e ganhando forma; esta nova comunidade artística se vê em condições de denunciar os abusos vivenciados por sua classe social, crítica que surgiu, sem ganhar a mesma força à época (possivelmente por ser uma voz solitária em mundo ainda distante dos domínios virtuais), na imagem da autora Carolina Maria de Jesus, considerada por Rocha (2007) uma das precursoras da “dialética da marginalidade”.

Em *Quarto de despejo* (1960), Carolina denuncia muito mais do que sua miséria; ela vai além, mostrando a exploração não remunerada da figura do favelado pela indústria cinematográfica, algo que facilmente pode ser estendido à literatura:

O que se nota é que ninguém gosta da favela, mas precisa dela. Eu olhava o pavor estampado no rosto dos favelados – Eles estão filmando as proezas do Promessinha. Mas o Promessinha não é da nossa favela. Quando os artistas foram almoçar os favelados queriam invadir e tomar as comidas dos artistas. Pudera! Frangos, empadinhas, carne assada, cervejas (JESUS, 2018, p. 190).

Tendo a imagem explorada e a barriga vazia, é impossível não fermentar a semente do ódio. A *Companhia Cinematográfica Vera Cruz* monta um banquete na “casa” de seus anfitriões forçados e não lhes oferece nem uma fatia de pão em agradecimento. Novamente não há troca ou diálogo entre os polos.

Para Rocha (2007), na contemporaneidade o morador da favela abandonou a passividade e esgotou a sua cota de exploração gratuita, assumindo o lugar de protagonista de sua própria história: “há um crescente sentimento de insatisfação com o fato de que os lucros derivados de suas histórias e de suas imagens somente retornem a eles, por assim dizer, em doses homeopáticas” (ROCHA, 2007, p. 31), como é o caso da própria Carolina, que, passada a meteórica fase de interesse em sua produção, caiu em esquecimento, retornando à pobreza.

Martins parece entender o jogo da elite tanto quanto seus predecessores, entregando um conto que funciona quase como um aviso: se a classe média/alta quer tirar vantagem do pobre, este mesmo pobre não vai continuar cumprindo o papel do malandro e entrar no jogo, tentando se aproximar da elite e buscando alguma vantagem com isso. Até mesmo porque a oferta feita pelo polo considerado positivo já não é mais a mesma observada por Candido (1970) em sua leitura do século 19. Sendo assim, o excluído procura marcar o seu lugar dentro da sociedade (com o importante apoio de sua comunidade) e resistir, mesmo que venham muitas “pistolas automáticas”, como a de Mário.

5 REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE

De fato, a “Dialética da Malandragem”, em perspectiva social, sofre “o comentário impiedoso da atualidade” (SCHWARZ, 1987, p. 152). No final de seu ensaio, Candido (1970) compara a dureza reinante em *A letra escarlate* (1850), de Nathaniel Hawthorne, com o “mundo sem culpa” das *Memórias de um sargento de milícias*. No primeiro livro, a força da lei garante, no plano interno, a coesão e a solidificação de identidades grupais; para o lado externo, no entanto, possibilita a brutalidade incontrolada. Os dois modelos, se comparados, apresentam vantagens e desvantagens para ambos os lados. A vantagem brasileira, no caso, é posta sem preconceitos pela pouca “interiorização da ordem”. Antes de prosseguir, Schwarz (1987) assinala outro vínculo do texto de Candido (1970):

Veja-se igualmente o passo em que o modo de ser brasileiro é reivindicado contra os valores puritanos de que se nutrem as sociedades capitalistas, além de ser concebido como um trunfo para a hipótese de nos integrarmos num mundo mais aberto (socialismo?) (SCHWARZ, 1987, p. 152).

Os desdobramentos desta discussão, em torno da apreciação da cena internacional pela nossa literatura e o vínculo entre forma estética e realidade histórica, podem ser deixados para outra oportunidade, filiando-se o assunto ao debate sobre o tópico da pouca aderência do brasileiro à lei.

O dilema brasileiro, como já analisado, resulta da oscilação entre o mundo das leis universais e do universo das relações pessoais. A oscilação cria modos de “navegação social” entre a lei e a “plena desonestidade”, “uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas (...), um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais” (DaMATTA, 1999, p. 103).

Os espaços, propícios para o jeitinho e a malandragem, são tópicos “contestados” pela “dialética da marginalidade”. Os textos aqui analisados expressam e recusam os termos de uma reconciliação compensatória, pelo enfrentamento e desnudamento da violência e da desigualdade social como constitutivos do nosso modo de ser. Nos termos de Candido (1970), teríamos de admitir que uma outra imagem do Brasil ou da produção cultural e literária brasileira, definida pela violência, constituiria o termo de nossa participação no concerto das nações.

É, como vimos, o que o conto “Rolézim” deixa expresso: sem dinheiro para a passagem, o menor vai para a delegacia; com mais dinheiro, vai para a delegacia; sem identidade, vai para a delegacia. A única saída, destituída à margem do diálogo ou da negociação, é fugir, recurso utilizado também pelo irmão do narrador-personagem: “Eu tava correndo quase que nem ele, no desespero. Quase chorei de raiva. Eu sei que o Luiz não era X9, meu irmão nunca ia xisnovar ninguém, morreu foi de bucha, no lugar de um vacilão desses que o mundo tá cheio. Isso sempre me enche de ódio” (MARTINS, 2018, p. 15-6).

Temos um testemunho da discriminação, de quem já “nasce marcado” como ladrão, bandido, marginal, pivete, num quadro de condições adversas na periferia, leia-se favela. O testemunho confirma o modelo de exclusão produzido pelo sistema social brasileiro, em que a desigualdade é modo estruturante da vida precária – marginal – nos grandes centros urbanos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “guerra” foi declarada e nada mais será igual na sociedade e na literatura brasileiras. Esta mensagem pode ser estendida ao cânone literário: desconhecemos os rumos da literatura marginal nos

próximos anos, mas já é seguro afirmar que ela está se “armando”, assim como propõe o jovem narrador de “Espiral” para o estabelecimento de um confronto com a literatura tradicional.

Deste modo, formulações críticas, como a “dialética da marginalidade”, atuam em conjunto com esta produção literária atual, tentando dar conta da dimensão do que vem sendo escrito. A conjunção das duas propostas serve para salientar a necessidade de inclusão destes textos numa zona maior dentro da literatura, evitando que eles caiam no esquecimento e sejam vistos, daqui há alguns anos, como algo exótico, tendência momentânea, consumida por *voyeurs* ocasionais. Tal *voyeurismo* pode, de fato, insularizar este tipo de produção, redundando em “gueto” literário.

A disputa pela inclusão de uma linhagem marginal em nossa tradição literária ultrapassa os critérios estéticos e, por fim, antropológicos ou culturais. Ela questiona os critérios unívocos de abordagem do produto literário – e cultural – em nome de novos paradigmas críticos, nova metodologia de abordagem, que reconheça a multiplicidade de paradigmas críticos, de questionamento do cânone e de superação dialética. Não há, enfim, como negar a desigualdade social e suas consequências. A “dialética da marginalidade” é proposta alternativa para a análise dessas desigualdades e para a criação de “condições subjetivas de superação do modelo de formação da sociedade brasileira”.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014 [1853].

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. IN: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (8), 67-89, 1970. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DaMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2018 [1960].

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008 [1977].

MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. “Literatura e periferia: Considerações a partir do contexto paulistano”. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINNA, Lucía (org.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 15-38.

RAMOS, Flávia Brocchetto, ARENDT, João Claudio. “No princípio fez-se a obra: o descomeço de Contos Gauchescos”. In: *Caderno de Letras*, Pelotas, v. 1, n. 9, p. 88-105, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019 [1938].

ROCHA, João César de Castro. “A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a ‘dialética da marginalidade’”. IN: *Revista Letras*, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, n. 32, jun., 2007. p. 23-70. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaíos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 129-155.

TENNINNA, Lucía. “Saraus das periferias de Brasília: uma literatura fora do eixo”. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINNA, Lucía (org.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 81-113.

Title

Geovani Martins and the “dialectic of marginality”: an analysis of the short stories “Rolézim” and Espiral”.

Abstract

The present study aims the analysis of Geovani Martins’ short stories, “Rolézim” and “Espiral”, published in his first book, *O sol na cabeça* (2018), using as base the theory of the “dialectic of marginality”, developed by the literary critic and university professor, João César de Castro Rocha. In a dialogue with the essay “Dialectic of rascality” (1970), from Antonio Candido, the “dialectic of marginality”, proposes a “substitution” of the conciliation between individuals from different social classes as a measure to avoid conflict, inherent to Candido’s essay, in name of confrontation, what results in a methodic exploration and exposition of violence, presented in the relations of the pointed groups, instead of its concealment. The short stories presented by Geovani Martins modulate, in different ways, the dilemmas of Brazilian social inequality, crossed by the contemporary urban violence, assuming and confirming, with authentic voice and conflicting enunciative place, the impasses of a “symbolic war” between an apologetic interpretation and another critique of current Brazilian culture. This article produces, in addition, a brief reflection on the speech space of the excluded strata, as well as the visibility (or lack of it) that literary and university criticism offer to these culture producers today, ending with a discussion of the possible status of marginal literature in the next years.

Keywords

“Dialectic of marginality”; violence; Brazilian short stories; Geovani Martins.

Recebido em: 30/04/2020.

Aceito em: 22/08/2020.